

ACAJÁ

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO

O progresso da intelligencia é infallivel
havendo liberdade de fallar, escrever
e publicar o que pensamos.

MARQUEZ DE MARICÁ.

Anno I

Quinta-feira 31 de Janeiro de 1861.

N. 6

JOSÉ BONIFACIO.

Ao Sr. Augusto Moura.

Em todos os seculos, apparecem limitadas estrellas tão fulgurantes, que contribuem muito poderosamente em honra dos seculos em que surgem. Entre outros, o seculo XVIII legou-nos dous astros luminosos que a geração presente venera. Napoleão I e Washington, são dous exemplos que attestão a veracidade da nossa asserção: um facultou pelas armas á França a época mais gloriosa que ella tem tido; o outro contribuiu efficazmente para que os Estados-Unidos se desmembrassem da metropole e se constituissem no goso de estado independente.

No começo do actual seculo, as armas francezas venceram em todas as partes em que apparecia o privilegio tricolor, assenhorearão-se do reino lusitano; e antes disso, a cõrte lusa reciosa de soffrer o que soffrera a cõrte de S. Idefonso, abandonou Lisboa e veio habitar a extensissima colonia americana então sujeita aos grilhões do captivoiro.

Se porém ao vencedor de Austerlitz, Ligny e Montmirail, se deve os primeiros successos para a emancipação politica da terra dos Tupis; se a mudança da cõrte lusitana, igualmente contribuiu para os posteriores acontecimentos; não se pôde por maneira alguma olvidar as circumstancias memoraveis que militão gloriosamente nos resumidos factos que ennobrecem a nascente historia do imperio americano.

Dos vultos recordativos que sobejamente illustrão as paginas da nossa historia, avulta a figura nobre e magnanima de José Bonifacio de Andrada e Silva, o patriarcha da independencia, o homem probo por excellencia, a intelligencia sublimada, e o caracter mais firme e sobranceiro que o paiz tem conhecido.

José Bonifacio teve por berço a briosa e sempre invieta provincia de S. Paulo, aonde igualmente nascerão os Buenos, Feijós, Paulas Souza e tantos outros gigantes vultos que não passarão, nem passarão desaperecidos. A 13

de Junho de 1763, vio elle a luz do dia na então villa de Santos.

No verdor dos annos, José Bonifacio revelou a grande intelligencia que possuia, e obtidos os primarios estudos que ministrados foram por seu pai o coronel Bonifacio José de Andrada, seguiu viagem a Portugal para matricular-se na Universidade de Coimbra onde colheu innumeradouros louros.

Regressando aos patrios lares, o illustrado paulista obteve um modesto cargo na magistratura e desde então, aprofundando-se nas mais intrincadas noções scientificas, exuberantemente patenteou os seus vastos recursos, deixando antever o quanto influiria em prol do seu paiz.

A occasião não podia ser mais azada para José Bonifacio provar os seus grandes dotes moraes e intellectuaes. Havião decorrido trinta annos, que a conjuração mineira fizera soltar o brado de liberdade em Villa Rica; os carcereiros ainda se achavão humedecidos pelas lagrimas que nelles tinham derramado os primeiros martyres da independencia do Brasil; da população da cõrte, muitos individuos recordavão-se do decapitamento de Silva Xavier (o Tira-Dentes) e as praias desertas e abrasadoras da Africa, recordavão-se dos infelizes degradados que nellas foram lançados por pretenderem livrar o seu paiz do jugo que o opprimia.

José Bonifacio meditou accuradamente nos meios pelos quaes se poderia tentar e obter a independencia do Brasil; de suas meditações, resultou a infallibilidade desse successo, a occasião, porém, não era muito propicia e convinha esperar com resignação um conselho mais favoravel para a realisação de suas idéas.

Os acontecimentos que tiveram lugar após a retirada de D. João VI para Lisboa, fizeram com que os preparativos legais fossem empregados para obtenção de tão sublimado fim.

Essa circumstancia não era contudo sufficiente para que fossem quebrados os grilhões do captivoiro; alguns annos mais de resignação e a regeneração de um povo teria lugar.

A cõrte lusitana, com suas deliberações

oppressivas, acelerou o golpe que só mais tarde seria desfechado; queria que o então vice-reinado do Brasil voltasse ao antigo estado colonial, e, para lograr esse intento, decretou leis, as mais inaceitáveis, para serem executadas no Brasil.

Tornou-se então necessário que a primeira possessão da America meridional, convergisse todos os esforços em defeza dos seus mais sagrados direitos. Para esse effeito a presença do Principe D. Pedro, tornava-se indispensavel aos habitantes da terra descoberta por Cabral; mas as camaras portuguezas, para aniquilar tão magnanimos desejos, decretarão que o Principe regressasse á metropole!

Este decreto foi considerado como o rompimento formal das relações entre a côrte e a ex-colônia. A lava tinha sido arremessada; não se podia deixar de aceitar o repto.

Então todos os peitos opprimidos, previrão ser ehegada a época de respirarem o ar livre; de todas as partes as supplicas do povo para D. Pedro permanecer no Brasil, chegavão á côrte, que, por orgão do Senado da Camara, sollicitou e obteve d'elle a 9 de Janeiro de 1822, a declaração formal de ficar no solo em que seus filhos tinham nascido.

S. Paulo distinguio-se pelo manifesto enviado ao Rio de Janeiro pelos Andradas e outros distinctos patriotas; a elle seguirão-se os de Minas, Bahia e outras provincias.

José Bonifacio era vice-presidente da Junta provisoria de S. Paulo e como seu mais proeminente membro, foi o portador do manifesto dos paulistas, o qual em audiencia foi entregue ao Principe, que nos 16 de Janeiro nomeou-o Ministro dos Negocios Estrangeiros e do Reino.

Ao aceitar tão alto e tão difficil encargo, o illustado estadista reconheceu quaes os embaraços com que tinha a lutar; de um lado os desejos de um povo que não podia olvidar os successos de 1783 nos Estados Unidos e pretendia desligar-se da mãe patria; do outro, o emprego de todos os esforços e rigores desta para subjugal-o.

A politica sabia e reflectida do douto estadista, se deve os beneficios que o Brasil colheu no curto espaço decorrido da sua ascensão ao ministerio, ao brado de *Liberdade ou Morte* desprendido no Ypiranga pelo principe D. Pedro que aconselhado pelo seu eminente conselheiro, saltou-o no dia 7 de setembro de 1822 e foi echeiar em toda o immenso espaço que medeia do Amazonas ao Prata.

José Bonifacio continuou á testa do governo do nascente Imperio, e aos seus serviços e aos dos seus irmãos Antonio Carlos e Martim Francisco, principalmente a este ultimo durante o tempo que foi ministro da Fazenda, se os contemporaneos imparciaes tem sabido avafial-os,

é fóra de duvida que só a posteridade os premiavá.

Não obstante os infatigaveis esforços que empregava essa illustrada trindade em prol do Brasil, não obstante terem sido as suas ideias amesquinhas pelos seus inimigos politicos que mais tarde fizerão, com o emprego da intriga, cair o predomínio dessa heroica familia; é indubitavel o prestigio de tão insignes varões e que elles governando pelo povo e para o povo, não podião deixar de adquirir a sympathia e a veneração do mesmo.

A seita realista, havia obrigado o Imperador a demittir o ministerio dos Andradas; o povo porém, levantando-se em massa contra semelhante medida, fez com que elles novamente se encarregassem do poder.

Aos 12 de Novembro desse anno, o horizonte politico do Brasil achou-se toldado pelas calorosas discussões da Constituinte a respeito dos disturbios entre alguns officiaes d'um brigue de guerra portuguez, e varias pessoas da côrte; os Andradas que desde a sahida do ministerio se haviam conservado em opposição ao governo, foram presos ao sahir do parlamento (nesse dia dissolvido) e deportados para a França com Montezuma (hoje Visconde de Jequitinhonha) Rocha e Belchior Pinheiro. José Bonifacio tinha-se retirado por doente antes da dissolução; essa causa não o livrou de acompanhar á França, seus irmãos e amigos politicos.

As scenas que occorrerão no paiz de 1824 a 1831, estão ainda bem na memoria dos contemporaneos; prescindimos pois de enumeral-as. Dellas resultou a abdicação do fundador do Imperio, que não encontrou outro cidadão a quem encarregasse a tutoria de seus filhos, senão aquelle proprio que alguns annos antes havia offendido, deportando-o para França!

José Bonifacio, obteve com a honrosa nomeação de 6 de Abril de 1831, o maior triumpho contra seus gratuitos inimigos e nessa categoria elevadissima conservou-se até o dia 15 de Dezembro de 1833 em que a massa desenfreada do povo, que havia attendido ás falsas doutrinas dos inimigos de tão distincto varão, dirigio-se ao palacio de S. Christovão, prendeu-o e em custodia o remetteu para a Ilha de Paquetá!

Foi por semelhante e inaudita maneira que a população da côrte remunerou os longos e prestimosos serviços do patriarcha da independencia! Foi com tão ingrato proceder que as venerandas cans de tão eminente brasileiro, foram desrespeitadas!

O povo tem seus dias de deslumbrantes glórias; mas, tambem tem certos momentos de loucura que de alguma maneira desvirtuão as mais nobres acções que tenha praticado. Assim procedeu elle para com José Bonifacio; ao principio era este o astro luminoso que se adorava; mais tar-

de, quando as intrigas cortezãs, contribuíram para a sua queda, elevou-se a tal altura que, obrigado, reassumiu o bordão governativo; depois foi o colosso político abatido e expatriado; quando a calma serenou os animos, ei-lo de novo aos lares patrios e d'ahi a pouco, por designação paterna, encarregado da tutoria dos filhos do fundador do Imperio; e quasi tres annos depois, é preso e em custodia retido n'uma ilha!

Aos 6 de Abril de 1838, entregou José Bonifácio a alma ao creador; e, nesse dia completava sete annos que D. Pedro I o nomeara—como seu verdadeiro amigo e muito probo, honrado e patriótico cidadão—tutor de seus filhos.

E esse tão gigantesco vulto politico e scientifico baixou ao tumulo com o habito de Christo, e esse mesmo obtido na epocha colonial! Ainda mais, envolvendo-se na campã, legou á sua familia—honra, gloria...e pobreza! Que mais quizera um antigo Spartano?!

José Bonifácio, nas phrases de um illustre escriptor, «foi um homem nimbamente honesto, poeta, estadista, e litterato consummado.»

A' memoria de seus feitos e de seu nome, ainda a patria não soube erguer um pedestal que seu nome e seus feitos perpetue; e, sendo uma realidade a divida que o Brasil satisfaz áquelle que no Ypyranga soltou o brado—Liberdade ou morte,—propicia é a occasião para solver-se os compromissos de que é credor aquelle que por seus sabios conselhos aconselhou D. Pedro I a libertar um povo e fundar a unica monarchia americana.

Ambos são dignos da gratidão dos Brasileiros; a perpetuar-se os feitos de um, não se póde deixar de perpetuar os do outro.

A estatua equestre do 1.º Imperador, brevemente surgirá na praça em que a constituição foi jurada; onde e quando será collocada a estatua de José Bonifácio?

Temos fé de que em pouco tempo, os esforços de um distincto poeta e litterato nacional, (1) serão coroados de um feliz exito.

Janeiro 10 de 1861.

F. T. LEITAO.

No mar.

(CONTO PHANTASTICO.)

Era meia noite.

A lua — o astro dos amores — derramava do céu suave luz; era morbida e bella como a face pallida de uma virgem.

E eu unido á *ella* murmurava palavras de amor. Alli no mar estavamos sozinhos; livres,

(1) O Illm. Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva.

como os sanhassús quando abrindo as azas percorrem as campinas. Deus e o céu, a lua e o mar, era sómente o que viamos.

Doce e embriagante prepassava a briza da noite pela popa da nossa canoa.

E nós, vagavamos á toa soltando palavras de amor!

Algumas vezes eu a contemplava extasiado e deixava de remar. Depois mergulhava os remos no amago das aguas, e então se via cabir umas após outras, gottas de prata.

Era uma noite de luar, bella, como só se vê no Brasil.

Eu tinha deixado de remar. Os remos estavam boiando sobre as aguas e a vela ondulava mollemente na pequena vèrga.

E eu então lhe disse:

— Contempla o céu, vê como é bello!

Que languida luz a da lua; que grandeza!..

E *ella* descanzando indolentemente sua loura cabeceira no meu hombro, respondeu-me:

— Sim, tudo isso é bello! Tudo isso é poetico! Não sei mesmo o que sinto quando gozo o espectáculo de uma noite d'estas! Tudo isso é grande, tudo isso falla de amor!

— Tens razão; que mais podes desejar?

— Eu? nada; sinto que sou feliz, muito feliz...

— E eu tambem. Ao teu lado a vida se desliza tão bella e sosegada como um riacho no sertão. Aqui, ambos nós pela primeira vez reunidos, gozamos de uma verdadeira felicidade! A lua vela o nosso amor, é o cirio da paixão. Cantemos.

— Sim, cantemos, disse *ella*.

Em seguida tomou a guitarra. Sua voz perdia-se pelos ares. Era uma canção escripta com sentimento! Elevava a alma!

Aquella voz chegara-me ao coração: era doce como uma melodia do maestro Bellini. Mas esse canto tinha um que de triste e melancolico que magoava: esse canto entristeceu-me.

A canoa deslizava-se mansamente á mercê das ondas; eu contemplava aquelle anjo de amor.

Embriagou-me o fogo de seus olhos azues... meu coração bateu mais ardente... e... dei-lhe um beijo. Mas esse beijo era puro foi o primeiro e unico.

Depois levantou-se. A's brizas da noite, voavão-lhe os anelados cabellos louros. Era mui bella assim; parecia a estatua da belleza sustentada á flôr das ondas.

Olhou-me e sorriu. Depois agarrando-me a mão pol-a sobre seu peito.

— Sentes, me disse *ella*, sentes este convulsivo bater do coração? Reina-me ahi um quer que seja de phantastico. E' talvez o amor, é talvez a morte.

Callou-se. Eu senti que o coração se me estalava no peito. Seria um presentimento?

— Sim, continuou ella, é talvez o amor, ou a morte. Lida no meu ultimo dormir sonhei; vira um anjo acesnar-me mostrando o céu. Quem era? não sei. Não acreditas em sonhos?

— Não. Tu tambem não deves acreditar n'elles; os sonhos mentem.

— Talvez... marmurou ella com sorriso que cortava o coração.

— Porque pensas na morte? Tudo aqui não respira vida e amor? Estrella do meu céu, rosa da minha alma, vida da minha vida, porque seismas?! Abre a flor da tua alma candida ao fogo do meu amor; desprende o riso de tuns acarinados labios; oh! sim dá-me a esperança!

— Cala-te, cala-te; quem te fallou em morrer?! Advinhou't'o o coração? Todos temos um destino e eu creio no meu.

— É qual é elle?

— Não sei...

Aquellas palavras pronunciadas a esmo, disserão um canto de dor. Então segurando-lhe em uma das mãos, disse-lhe angustiado:

— Não! tu não has-de morrer nos quinze annos; ninguém te pôde roubar de meus braços! Deos é bom e justo.

— Sim, Deos é bom mas Deos é o destino. Olha...

E ella apontou para a parte do oriente onde se via uma nuvem escura. A tempestade voava para nós nas azas do aquillão. Era o dedo de Deos.

Olhei em roda de mim... quasi que a terra tinha desaparecido á meus olhos. Sentei-me no banco da canoa e remei.

E ella contemplava immovel aquella nuvem que pouco e pouco crescia!

Depois, a tempestade alongando as suas azas sobre o céu, escureceo tudo. O ar que se respirava era ardente — abafava; as ondas inquietas revolvião-se em escarcocos, formando lenções de espuma.

E ella sempre immovel, contemplava a chegada da tempestade!

De repente chegou. Os relampagos e os trovões misturarão-se com a chuva que cahia em torrentes; aquelles deixarão-me ver terra.

Quanto tempo durou a tempestade não sei. Duas horas depois eu já não podia remar; estava cansado. As vagas oppederarão-se de meu fragil baixel; cada uma d'ellas era um gigante, era um tumulto!

E ella, meu Deos, sorria-se com um sorriso divinal. Com os olhos erguidos para o céu parecia a rainha das tormentas!

— Ouve, lhe disse eu com as lagrimas nos olhos, senta-te ao pé de mim, que nos trague a mesma onda; morramos juntos!

Ella não me respondeo; olhou para mim

com um olhar indefinivel; não me via. Era uma estatua de gelo!

E a tempestade crescia. Não havia supplicas para abrandal-a — esgotara-as todas. O desanimo e o desaleuto havião penetrado em meu coração.

Tinha-a segura nas mãos, queria morrer com ella.

— Vem... vem... eis-me aqui!... Forão as ultimas palavras que lhe ouvi; uma onda immensa arrebatara-m'a dos braços!

Soltei um grito de desespero! Era como o ultimo gemido do moribundo, como a ultima canção do poeta!

No primeiro impeto de minha dor, atirei-me ás ondas; tinha ainda a esperança de salvar a.

Duas vezes appareceu, duas vezes tornou a sumir-se no fundo do pígo sem eu poder segural-a. Quando appareceu pela ultima vez, eu apenas pude segurar-lhe nos vestidos que boiavão; depois... desapareceu para sempre.

Então, exhausto de fadigas, desmaiei, segurando sempre um pedaço da gaze dos vestidos d'ella.

Podeis rir agora manecobos, contei-vos a minha historia. Já sabeis porque me não rio.

— Mas, depois, depois; perguntarão todos, conta-nos o resto.

— O resto? é este meu viver amargurado de hoje.

Quando acordei no outro dia o sol já era nado. De noite as ondas tinham-me conduzido á praia da Ilha do Governador, que estava miú proxima; onde uma familia pobre me recolheo.

Deos não quiz que eu partilhasse a sorte d'aquella á quem amava.

Salvarão-me a vida, mas a morte trago-a no coração.

Quizestes ouvir a minha historia, contei-vol-a tal qual me aconteceu.

D'ella, da minha amante, ainda guardo aqui sobre meu peito duas lembranças; quereis vel-as? eis-as; vede: — é o pedaço de seu vestido e uma trança de seus cabellos.

Dizeis-me á pouco que o amor não matava; vede esta pallidez das minhas faces, pousai a mão sobre o meu coração e vede se bate!

Não vivo — vegeto; não posso na vida encontrar mais um gozo, um amor, uma alegria; meu coração morreu!

Rio 1861.

A. CUNHA.

POESIAS.

Rosa de Deus.

Dorme, ó Anjo de amor! No teu silencio
O meu peito se afoga de ternura!

ALVARES D'AZEVEDO.

Em leito de folhas, ao canto das brizas,
Aos húmidos beijos da noite sem véo,
Dormita languente, na sombra dos bosques
A flor dos meus sonhos—cahida do céo.

A longa madeixa dispersa na grama
Parece uma nuvem—rolando-lhe ao pé!
Com a boca orvalhada dos beijos occultos
De um anjo ignoto —mais linda quem é?

Levanta-lhe os gazes, que vedão thesouros,
O vento da noite, banhado de olores...
E a lua, surgindo dos seios da nuvem,
Profana da moça secretos primores....

.
.
.
.

Não durmas, donzella!...Mal sabes que abysmo
Negreja-te as plantas—coberto de flor!...
Não sabes que uns labios—ardendo de gozo
Bem podem n'um boijo beber-te o pudor!

Por Deus, não exponhas encantos tão puros
Aos olhos immundos da gente que passa!
Os ventos costumão, nas sombras da noite,
Mancharem das flores a humida taça....

Não durmas que podem roubar os perfumes
Dos candidos lyrios de tua innocencia!
Quem póde, te vendo dormida ao relento,
De loucos desejos sustar a vehemencia?!...

Mas dorme...que eu vélo teus sonhos bem'd'os
Os sylphos dourados que embalão-te a mente!
Os beijos profanos de cupidos labios
Não hão de acordar-te do somno innocente.

Dorme, *rosa de Deos*, entre estas flores
A sonhar com os archanjos docemente,
Emquanto vélo a sós com meus amores
Contemplando o teu rosto alvo, innocente!

Amo-te tanto, pallida bonina,
Cheirosa emanação que a noite exhalal
Dos preludios que Deus á terra ensina
E's o preludio que mais doce falla!

Tu parcees a estatua da ternura
Quebrada aos beijos da volupia ardente;
Sylpho dourado, que cahio d'altura
Sobre um raio da lua transparente.

Amo, donzella, teu perfil formoso,
Teu seio a paipitar, a loura trança,
Teus olhos de um luzir vivo e mimoso,
Teu corpo aereo que no chião descança.

Deixa-me contemplar extasiado
Tanta belleza, mocidade e encanto.
Neste rosto moreno e aveludado
Como lua de Abril n'um céo sem manto.

Dorme, *rosa de Deos*, entre estas flores
A sonhar com os archanjos docemente,
Emquanto vélo a sós com meus amores
Contemplando o teu rosto alvo, innocente!

Corte—1860

JOSE' MARIA.



Corina. (*)

Nasceste para amar, tiveste a palma
Que a mão da gloria para tí colheo;
Soffreste! mas, qu'importa, si tu'alma
Até nas dores só de amor viveo?!

P. CALASANS.

Ah! null'altro che pianto al mondo dura.
PETRARCA.

Corina, que te resta d'esses annos,
Em amor e prazeres dissipados?
Que te resta do genio tão fecundo,
É dos louros viçosos alcançados?!

Só teu nome mulher divinizada,
E o respeito, devido a tuas dores,
Envolvidos no crepe do passado
E na veste singela de amargores!

Só a c'roa de louros, já fanados,
Que virentes te deo o Capitolio;
Só os hymnos e o canto derradeiro
Que á Roma elevaste, de teu solio.

Tua vida, risonha se passava
Engolfada na gloria que alcançaste;
Ante as artes que tu comprehendias
D'essa Italia gentil que sublimaste.

Com a lyra na dextra, contemplando
Os modelos antigos dos Romanos,
Lumiados pela virgem das ruinas,
Tu sorrias á morte, aos desenganos.

(*) Poetiza italiana.

Quando á tarde, em Veneza passeiavas,
Junto ao triste que a vida te ceifou;
Nem sequer tua mente descobria,
Martyrios que em tua alma elle deixou...

Quando á noite o Vesuvio contemplavas
Assentada nas ruinas de Pompeia ;
Pensativa, buscavas pensamentos
Não trazendo pezares para a ideia.

Não levava o teu carro um povo escravo
Após si, que de applausos te cobria ?
Que cingindo-te a fronte com o myrtho
Nova senda de gloria prometia ?

O que fizeste então, para perderes
Essas rosas gentis da mocidade,
Que perdendo o perfume se vergarão
No pendão que baixou á eternidade ?

Só te fadara Deus p'ra poetiza,
P'ra viver tua essencia derramando ;
Mas quizeste provar o mel da vida
Que em veneno tornou-se te finando.

Ah Corina! as bellezas e o teu genio,
Só servirão p'ra dar-te a desventura....
Resumirão-se as tuas esperanças
Na sombria e estreita sepultura.

Teus encantos, belleza, gloria e tudo,
Por um homem, sem dó, sacrificaste,
E na borda do tumulto, ante a morte
Inda um hymno ao perjuro consagraste.

Pobre louca, saudando uma alvorada,
Que prestes era a noite, mal pensavas
Que cobrindo de negro as esperanças
Roubou elle essas palmas que esperavas.

Foi bem triste teu fim pobre Corina,
Que ficou d'essa vida esperancosa ?
A lembrança da vida passageira
Qu'apena se puó dir : *questa fu rosa.*(*)

J. BARBOSA RODRIGUES.

15 de Janeiro de 1861.



Anniversario

(MILLEVOYE.)

Após dez annos torno a ver o dia
Que aos céos a alma de meu pai subira ;
E quantas dores e pezares quantos,
Quantos ! a essa hora não sentiu minha alma ?
Ouvia-a louco de pezares cheio.

(*) Pastor Fido.

E quando essa hora se escoava apenas,
Já era eu orfão, já meu pai não tinha !
Eu fui p'ra longe do funereo leito
Guiado d'outrem que me disse : « Escuta,
Socega filho que teu pai dormita. »
E em minhas faces deslizava o pranto !

E quando o bronze do visinho templo
Soturnas vozes espalhava ao espaço,
Chorando um ente que deixara o mundo ;
Minha alma ouvia-o trespassada e triste
E a hora minha já cuidava vinda !
De mim em torno se attestava a perda
Tão grande e summa que ferio minh'alma ;
E a noite ao espaço desdobrando o crepe
Dizia : « Chora, não tens pai oh! filho! »
Ai ! em vão esperei no cemiterio
Carícias ternas, paternaes beijinhos !

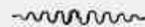
E a sombra eu via respeitosa e cara
A' noite, em sonhos, de meu pai querido !
E de pezares transbordando o peito
Minh'alma eu cria suffocar de dores !
E eu chorava sem cessar no seio
De minha cara mãe—sua memoria !

Já vão dez annos que o pezar me rala,
Sem que minorem meus tormentos diros !
D'um pai nos braços ver não posso um filho
Sem que em suspiros de dizer eu deixe :
« Ai ! tambem como vós um pai já tive,
Que n'alma tenho seu semblante impresso. »
Oh ! quando o outono, com pallor e tristes
Amarellar os bosques com seu bafo...
Meu pai ! deixai-me então esparzir triste,
As agras mágoas que meu peito sente
Pelos lugares merencorios, onde
Pela ultima vez eu pude ver-vos !

Nas margens bellas em que o Somma corre
Eu irei procurar a vossa campa,
E com florzinhas enfeitar eu hei-de
A tumba que—o vosso pó encerral
E sobre a lousa humedecida ainda
Do pranto amargo, das saudades minhas,
C'o as vozes d'alma cantarei sentido
Os cantos tristes que minha alma exala !

TRAD. DE SILVIO RANGEL.

Rio 4 de Dezembro 1860.



A França e a Inglaterra.

II.

Em nosso precedente artigo, dissemos que de-
sejavamos fazer conhecer a politica ingleza, po-
litica de traições e de egoismo mais que natural;

no correr do presente artigo procuraremos demonstrar a veracidade do que então dissemos.

Dissemos que a Inglaterra não se empenhou na guerra do Oriente sómente por pura magnanimidade, e ainda hoje temos as mesmas convicções. A Inglaterra seguindo sempre a linha de conducta que desde seculos para si traçou, só leva em vista assegurar o seu dominio sobre o Universo. Esse dominio, ella o quer pleno e inteiro, sem partilha de nenhuma outra nação. Por vezes tem algumas tentado oppor-se á tyrannia britannica, e sacodem por instantes a garra do leopardo, mas este abalado um instante, volta a si e com nova furia, impõe seu ferreo jugo. Gritão as nações oppressas, indignão-se as grandes potencias, mas a Inglaterra prosegue sempre, fria e implacavel como a Fatalidade! E a soberba Albion lá vai altiva e tranquilla como o anjo das trevas a idear maldades! N'esse proposito foi que ella lançou-se ás cégas na questão do Oriente, porque ella via que annexada a Turquia, ao Imperio Moscovita, teria mais tarde de combater uma rival poderosa e que ella conhecia que lhe não votava sympathia. Não foi pois por magnanimidade que a Inglaterra obsteu a quêda do Imperio Ottomano : foi porque sentia que se sua politica não conseguisse esse desideratum, e teria de, no futuro, ver-se a braços com um temivel antagonista.

Não ha um só paiz no mundo inteiro, a quem a politica de egoísmo da Inglaterra não tenha arrancado gritos de dor pungente quando não de justa indignação : essa politica que como o camaleão, toma todas as cores e todas as fórmulas, essa politica que prega a liberdade do povo em escolher seus reis, e que metralha os pobres indios que pedem a reintegração dos seus : essa politica que apoia as traições de Victor Manoel e que com ferrea mão, comprimo a maldadada Irlanda! Como explicar as atrocidades commettidas na India, pela nação que se colloca a si propria á testa da civilisação?! Como concordar as doutrinas da politica de não intervenção, com os vivos signaes de adhesão que em Inglaterra, se prestão aos inqualificaveis actos do Rei Cavalleiro, como lhe chamão, mas a quem a posteridade se encarregará de dar outro nome? Se os povos tem o direito de se revoltar contra seus soberanos legitimos, sem que a estes fique o direito de se defender; se o plebescito é o meio pelo qual o povo decide de seus destinos, não suffoque a rainha de Inglaterra ou seus ministros os gritos com que a feliz Irlanda pede o restabelecimento de seus direitos! Não abafe em ondas de sangue, o legitimo esforço dos indios em prol de seus antigos Principes! Não os suffoque! Não abafe! Que um plebescito decida de sua sorte, e que um congresso Europeo restabeleça o rei de Oude e outros, na posse de seus estados! Mas não! A Inglaterra não o fará

porque isso lhe não convém! Enfraqueço-se as outras nações; devorem-se umas ás outras; despedacem-se mutuamente: a Inglaterra dentro desses destroços, saberá fazer a sua parte do Leão!

Porque então, deseja a Inglaterra o engrandecimento do Piemonte? Perguntar-nos-hão.

Porque? Não é por certo por mera sympathia; é só por oppor á França de hoje, á França poderosa e mais do que ella forte, á França do Napoleão III emfim, e em summa, a primeira nação do velho continente, outra nação igualmente forte e poderosa, e nenhuma outra podia preencher esse fim senão o Piemonte. Oh! a Inglaterra sabe bem o que faz, e sua politica tenderá sempre ao fim a que desde seculos se propoz: o aniquilamento da França, e a manutenção de sua supremacia nos destinos do mundo!

Prosegue Inglaterra, em teu caminho de iniqualidades; prosegue! Caminha como Aasverhus, até o dia de juizo final; cumpre o teu fadario: tua hora ha de chegar. Qual a mão dos festins de Balthasar, tu verás brilhar o raio, quando o seu choque te tiver derribado desse pedestal de infamias sobre que te ergueste! Canta tuas victorias, porque Lucifer tambem tem seu dia! Sobre cómoros de cadaveres e em ondas de sangue haquearás tu! Então, como ao Leão inorme, virão as outras nações lançar-te em rosto o que lhes fizeste e arrancar um pedaço de teus despojos, para tapar o buraco que lhes fizeste! Então, todos te cuspirão injurias, e tu chorarás em vão teus crimes! Albion! Cobre tua frente de cinza, e pede perdão ao Deus que premeia e ao Deus que vinga, das iniqualidades que commetteste! Arrepende-te, ou senão talvez já seja tarde! Não te arrependas! Torce mas não quebres!

A França tem muitas razões de queixa de sua alliada d'além da Mancha, e todavia ainda senão vingou! Será receio? Não! E' que a França, nobre como é, entende que a melhor vingança é a que hoje toma d'Inglaterra; o de reduzi-la á categoria de segunda potencia da Europa! E' que a França, vê que o raio que ha de vinga-la, e submergir nas trevas do abysmo de torpezas que a Inglaterra revolve ha tanto tempo e com tanta arte, ha de partir do Norte! A nuvem de que elle ha de sahir está se formando, e quando o momento chegar, não valerá a Inglaterra nem a divisa da verdadeira personificação de sua politica, a divisa de Lord Palmerston « Cede mas não quebres. » A Dinamarca, ainda não esqueceu o bombardeamento de Copenhague: a Russia, a questão do Oriente! A hora não tarda, e a Inglaterra deve preparar-se porque talvez a geração presente, tenha ainda de ver, o desforço

que o mundo indignado, ha de tomar dessa politica da insidias e traições que tanto bem tem feito ao poderio da Inglaterra e tanto mal á sua reputação!

No presente trabalho não fomos levados por nenhum sentimento de odio gratuito á Inglaterra: foi só unicamente a recordação do que essa nação orgulhosa tem feito soffrer aos outros povos, e mais que tudo a essa França tão generosa quão potente. Foi a recordação do que soffremos e a idéa do que talvez ainda tenhamos a soffrer dessa nação que só procura o seu interesse sem attender ao das mais. Não procuramos acender odios nem paixões, porque nunca foi esse o nosso costume; buscamos só um desabafo ao que sentiamos e com isso nos contentamos. Se em nossas palavras se notar algum azedume, se as acharem um pouco fortes, é isso filio unicamente das impressões do momento e mais nada. « Honny soit qui mal y pense. »

Gallos.

UMA VICTIMA DO AMOR.

(Original Brasileiro).

(Continuado do n. 3).

Meia hora depois, parou o carro; Carlos que o não perdera de vista, fez tambem parar o tybburi a conveniente distancia, para desviar qualquer suspeita.

Depois de descerem todos do carro, e ser este conduzido para a cocheira da casa, Carlos desceo do tybburi e foi certificar-se da casa em que vira entrar aquella que ali o acarretára e pela qual elle não hesitaria em dar a sua vida, pois já lhe tinha dado o coração.

Depois de ter caminhado cerca de duzentos passos, achou-se diante da mais poetica vivenda possivel. A, par da grandeza do edificio, reunia-se a elegancia e delicadeza da architectura que era tallhada no gosto moderno. Em frente havia um aprimorado jardim cheio de figuras allegoricas e de caramanchões notando-se no centro um lindo repuxo representando a deusa Amphitrite soltando as aguas do mar. Este jardim fez lembrar a Carlos os tão afamados jardins suspensos, da antiga Babilonia. Em todo o ambito do edificio, semelhante a um peristilo se sustentavão frondosos arvoredos que se agitavão ao sopro do favorio que os insuflava.

Emfim, para camulo de tão magestoso quadro, a lua que até então estivera sepultada nas nuvens, desvendou-se um momento, e revelou-se em todo o seu esplendor.

Carlos ficou encantado diante daquelle céo

aberto que se lhe antolhava, e depois de o haver contemplado com o verdadeiro gosto que caracterisa um poeta, puxou da carteira, e assentou em caracteres mysteriosos, o hairro e numero da morada que encerrava o seu thesouro ideal.

Isto feito tornou para o lugar onde deixára o tybburi, e embarcando-se n'elle, voltou para sua casa, onde já encontrou seu amigo Henrique, entregue ás doçuras de morpheu.

Narrar todas as alternativas e lutas em que estivera sua alma durante a noite, é impossivel, porque tudo lhe apparecia sob a fórma da bella pallida ou da de um sylpho aéreo, de feições angelicas; ora caminhando nas pontas dos pés, ora adejando em torno do seu leito sorrindo e contemplando-o.

N'uma destas occasiões estando elle dominado pela febre da paixão, ergueu-se subito da cama, e estendeu os braços, como que querendo cingi-la pela cintura, mas apenas elle acabou de executar essa loucura, a visão sumio-se como que por encantamento e immediatamente uma apparição satanica se succedeu a angelica.

Desapontado e ainda mais louco, blasphemou de si e tornou a deitar-se sob a impressão da metamorphose de que fora testemunha.

Muitas outras phantasmagorias lhe passarão pela mente, e té que pelas cinco horas da manhã não tendo podido conciliar o somno levantou-se, abriu uma das janelas do quarto, acendeu um charuto e poz-se a estudar á claridade esmeraldina da aurora que vinha assomando no horizonte.

Pela volta das sete horas da manhã foi despertar Henrique que *soffejava* com toda a força que tinha nos pulmões, na companhia do suave morpheu; e contou-lhe todo o occorrido.

— E o que pretendes fazer? disse Henrique.

— Essa é boa lir vê-la thoje, amanhã e sempre que puder.

— A pé ou a cavallo.

— A cavallo, sem duvida....

— La se vai toda a mezada! Esenta Carlos, depois que cheguei do theatro puz me a fazer considerações sobre o valimento da mulher, e queres saber a conclusão que tirei?

— Saberei agora.

(Continúa).

Os Srs. assignantes que quizerem reformar suas assignaturas, podem deixar os seus nomes ou á esta typographia ou á rua de S. Pedro n. 36, livraria.

BIO DE JANEIRO.

Typ. de Pinheiro & Comp.^a, rua do Cano n. 163